

## **Colônia Cecília – Uma Aventura Anarquista na América e a Educação: Um estudo sobre a Educação na representação literária da Colônia Cecília na obra de Afonso Schmidt**

*Colônia Cecília – An Anarchist Adventure in America and Education: A study on Education in the literary representation of Colônia Cecília in the work of Afonso Schmidt*

*Colônia Cecília – Una aventura anarquista en América y la educación: Un estudio sobre la Educación en la representación literaria de Colônia Cecília en la obra de Afonso Schmidt*

Recebido: 08/08/2023 | Revisado: 20/08/2023 | Aceitado: 22/08/2023 | Publicado: 25/08/2023

**Marcos de Almeida Henriques**  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4284-727X>  
Universidade Federal de São Paulo, Brasil  
E-mail: marcos\_mada@hotmail.com

### **Resumo**

O objeto de pesquisa do presente artigo é a obra literária *Colônia Cecília: Uma Aventura Anarquista na América*, escrita em 1942 por Afonso Schmidt. A obra foi analisada a partir de referências bibliográficas sobre a utilização da literatura como fonte histórica. O objetivo deste trabalho foi o de examinar as referências contidas na obra de Schmidt sobre educação, comparando essas referências com os modelos educacionais contemporâneos ao autor, principalmente aos conceitos educacionais ligados as diferentes correntes anarquistas entre o final do século XIX e início do século XX, levando em consideração os cuidados ao utilizar a literatura como fonte histórica. Foram abordados os conceitos educacionais e as inclinações políticas de Schmidt, assim como seu imaginário sobre a educação no período do estabelecimento da Colônia Cecília no Brasil.

**Palavras-chave:** Afonso Schmidt; Colônia Cecília; Educação Anarquista

### **Abstract**

The research object of this article is the literary work *Colônia Cecília: Uma Aventura Anarquista na América*, written in 1942 by Afonso Schmidt. The work was analyzed from bibliographical references on the use of literature as a historical source. The objective of this work was to examine the references contained in Schmidt's work on education, comparing these references with the author's contemporary educational models, mainly the educational concepts linked to different anarchist currents between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, taking into account care when using literature as a historical source. Schmidt's educational concepts and political inclinations were discussed, as well as his imaginary about education in the period of the establishment of Colonia Cecília in Brazil.

**Keywords:** Afonso Schmidt; Colônia Cecília; Anarchist Education.

### **Resumen**

El objeto de investigación de este artículo es la obra literaria *Colônia Cecília: Uma Aventura Anarquista na América*, escrita en 1942 por Afonso Schmidt. El trabajo fue analizado a partir de referencias bibliográficas sobre el uso de la literatura como fuente histórica. El objetivo de este trabajo fue examinar las referencias contenidas en la obra de Schmidt sobre educación, comparándolas con los modelos educativos contemporáneos del autor, principalmente las concepciones educativas vinculadas a diferentes corrientes anarquistas entre finales del siglo XIX y principios del siglo XX, teniendo en cuenta el cuidado al utilizar la literatura como fuente histórica. Se discutieron los conceptos educativos y las inclinaciones políticas de Schmidt, así como su imaginario sobre la educación en el período de establecimiento de la Colonia Cecília en Brasil.

**Palabras clave:** Afonso Schmidt; Colônia Cecília; Educación Anarquista.

## **1. Introdução**

A Colônia Cecília é citada por diversas vezes como a primeira experiência anarquista em território brasileiro. Foi fundada a partir das ideias de Giovanni Rossi, um agrônomo e veterinário formado na Universidade de *Sissa e Tisarela* na

Itália. Ainda na Universidade, Rossi conheceu Cecília, uma garota loira de longas tranças, que viria a se tornar sua esposa. Cecília seria homenageada anos mais tarde, dando seu nome para a experiência anarquista em forma de colônia batizada por Rossi na província de Palmeira, no Estado do Paraná.

A fundação da Colônia Cecília é indissociável ao contexto das grandes ondas de imigração que ocorreram no país entre o final do século XIX e início do século XX. Nesse período, o Brasil recebeu mais de três milhões de imigrantes, provenientes principalmente da Europa. Desse grupo, 1.373.000 eram italianos, 901 mil eram portugueses e 500 mil eram espanhóis.<sup>1</sup> Esse enorme número de imigrantes causou um grande impacto na configuração social, cultural e econômica de várias cidades brasileiras, atraindo uma extensa massa de trabalhadores em busca de condições de vida melhores. No interior dos porões da terceira classe dos navios que atravessaram o Oceano Atlântico com esses imigrantes, não só desembarcavam seres humanos fugindo da miséria e da fome, desembarcavam também culturas, visões de mundo e posições ideológicas das mais diversas. Entre essas várias concepções, chegavam as ideias de tendência libertária que, segundo Salles (2005, p. 30), “vinham de países onde justamente o anarquismo era mais representativo do que o marxismo”. A Colônia Cecília foi fundada por imigrantes italianos que desembarcaram no Brasil durante esse contexto.

A historiografia brasileira sobre a Colônia Cecília é vasta, com destaque para *O Anarquismo da Colônia Cecília* (1970), de Newton Stadler de Souza e *Colônia Cecília e outras Utopias*, (2000), que conta, inclusive, com textos do próprio Giovanni Rossi. Um dos trabalhos mais notáveis veio das mãos de Darvino Agottani, autor de *Saga da Colônia Cecília*, (2013). Morador do Município de Palmeira até hoje, o autor foi beneficiado com a tradição oral de sua família, relatando em sua obra as conversas ao redor do fogão a lenha na casa de seus avós, integrantes da referida colônia até o seu fim em 1893.

A literatura brasileira também abordou a Colônia Cecília de muitas formas, sendo o registro mais emblemático o da escritora Zélia Gattai em sua obra *Anarquistas graças a Deus*, (1985). Os avós de Gattai pertenceram a Colônia Cecília e mais tarde levantaram a bandeira do movimento sindicalista operário na capital paulista. Outras obras que podem ser citadas são *Colônia Cecília*, de Arnaldo Monteiro Bach, de 2011 e *Colônia Cecília: Um pouco de ideal e de polenta*, (2001), de Renata Pallottini.

*Colônia Cecília, Uma Aventura Anarquista na América*, publicada em 1942 e escrita por Afonso Schmidt foi a obra literária escolhida para a realização deste artigo, que pretende estudar a relação entre a Literatura e a História da Educação, especialmente ao tipo de educação considerada como libertária para o movimento anarquista entre o fim do século XIX e início do século XX. A obra foi publicada pela última vez em 1980 com o nome de *Colônia Cecília: Romance de uma Experiência Anarquista*. Schmidt foi praticamente relegado ao esquecimento para o público geral desde a década de 1980. Não encontramos nenhum trabalho abordando essa obra a partir do ponto de vista da História da Educação, mas foi de fundamental contribuição o Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras de Bruna Dancini Godk, da Universidade Federal do Paraná, intitulado *Representações da Colônia Cecília na Ficção Brasileira*, de 2013. Nesse trabalho, Godk discorre sobre as representações literárias da Colônia Cecília, dando especial atenção para a trajetória de Afonso Schmidt, assim como sua obra.

## 2. Metodologia

A relação entre a Literatura e a História não é nova, sendo muitas vezes ambígua. A história é, por vezes, um rico material para a literatura, assim como a literatura se constitui em uma poderosa matéria prima para o historiador por conta de sua temporalidade. Uma obra literária é condicionada e determinada pelas relações sociais e materiais de um tempo, o que a

---

<sup>1</sup> Salles, I. (2005). *Um cadáver ao sol*. Rio de Janeiro. Ediouro. p. 30 e 31.

torna um registro da percepção da realidade de um indivíduo ou de um grupo, ilustrando não só os valores e concepções subjetivas de seus autores, mas revelando traços de uma memória coletiva, seja por meio de acontecimentos históricos percebidos dentro de uma trama ou pela história anônima, aquela vivida diariamente, que se torna pública devido a literatura. José D'Assunção Barros nos explica:

História e Literatura sempre mantiveram relações muito próximas, mais tênues ou demarcadas conforme a concepção historiográfica ou o gênero de literatura; por vezes, também temos aqui relações ambíguas: onde termina a História e começa a Literatura? Onde termina a Literatura e penetramos, ainda que indelevelmente, na realidade histórica? As ambiguidades são muitas e se interpenetram: a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História: é a história que a constitui enquanto um gênero produzido pelo homem e incontornavelmente inserido na temporalidade; e é ainda da História que a Literatura extrai boa parte de seus materiais – seja da história dos historiadores ou da história vivida, mesmo que esta seja a história anônima, vivida diariamente através dos dramas pessoais que não se tornam públicos. (Barros, 2002, p. 2)

Nesse sentido, fica claro que existem diversas maneiras de utilizar a literatura para examinar o passado histórico. De acordo com Ginzburg (2007), as obras literárias têm muito a revelar sobre os costumes da época em que foram escritas, principalmente por meio das vozes não controladas que emergem dos textos, em contraposição à análise das intenções dos autores durante a produção. Sendo assim, a utilização da Literatura como fonte documental não é um processo de mão única. O historiador, com seus valores e conceitos, é parte da construção do conhecimento através da relação entre documento e história, tornando essa construção, obviamente, subjetiva. Essa subjetividade transforma, condiciona e direciona o papel do historiador para que, no lugar de aceitar a fonte histórica como uma representação imutável dos acontecimentos, ofereça um caminho para a compreensão do passado, que pode ser analisado de inúmeras perspectivas. A literatura se constitui em um poderoso artifício para revisitar outros tempos, com construções e percepções de sujeitos que foram testemunhas oculares de um passado, tornando possível a identificação de rupturas e permanências. O romance de Afonso Schmidt pode fornecer um material adequado para auxiliar na compreensão da concepção de educação de um determinado grupo em um determinado período ao nos mostrar uma parte, mesmo que fracionada, de seu imaginário sobre essas práticas educacionais representadas em sua obra.

Conforme apontado por Chartier (2007) e Burke (2002), ao longo do século XX, a disciplina histórica passou a estabelecer laços mais estreitos com diversas outras áreas científicas, como a sociologia, antropologia, economia, geografia e, mais recentemente, a linguística. Essa convergência conduziu a modificações nos métodos de pesquisa histórica, bem como à expansão das fronteiras dos possíveis objetos de estudo e, conseqüentemente, das fontes documentais empregadas nesse processo. Entre essas fontes, emergem os textos literários, como menciona Chartier (2007).

Atualmente, sem dúvida mais que em 1998, os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado. As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado. (Chartier, 2007, p.21).

Nesse sentido, compreendemos que o conhecimento histórico não é a única forma de interação com o passado. Além da pesquisa tradicional, a literatura e a memória também desempenham papéis significativos na construção de uma conexão com épocas passadas. Ao explorar a História da Educação através da literatura, abrem-se possibilidades para compreender não apenas os fatos educacionais, mas também os sentimentos, valores e percepções que moldaram as experiências de aprendizado ao longo do tempo. A literatura e a memória, ao conferirem uma presença ao passado, podem oferecer elementos sobre as práticas educacionais, os desafios enfrentados e as transformações culturais que

permeiam o cenário educativo, o que torna possível a utilização da literatura para a construção de um estudo histórico reflexivo.

As concepções de Chartier e Burke desempenharam um papel fundamental na construção do presente estudo sobre a História da Educação através da literatura. Ambas as visões destacam que o conhecimento histórico é apenas uma das várias formas de interação com o passado. O reconhecimento de que obras de ficção e a memória também conferem presença ao passado permitiu uma análise mais abrangente das práticas educacionais representadas na literatura. Ao considerar a literatura como uma fonte que não apenas reflete eventos, mas também as práticas culturais e sociais que os cercam, este estudo pode explorar as representações da educação não apenas como fatos isolados, mas como parte integrante de uma rede de interações históricas mais ampla.

Ao analisar a História da Educação através da literatura, conseguimos revelar detalhes presentes na sociedade, a partir do ponto de vista de diversos grupos sociais e suas complexas interações. Nesse sentido, explorar a educação através da literatura oferece um caminho para entender não apenas os aspectos técnicos do ensino, mas também as dinâmicas culturais e sociais que a permeiam:

Sabe-se que muitas obras literárias revelam grande potencial como documento, não apenas por se referirem a uma determinada época ou a acontecimentos históricos fundamentais na História brasileira ou universal, mas como fonte para se traçar um retrato da sociedade representada por homens, mulheres e crianças, brancos e negros, ricos e pobres, letrados e iletrados. Logo, argumenta-se que a ficção e a memória, bem como o cruzamento das duas, permitem revelar práticas, costumes, tensões, cotidianos e modos de ser, pensar e fazer das pessoas, ou seja, a configuração de uma sociedade, estabelecida desde o tecido formado por todas as relações que aí se concretizam. (Nunes & Fialho & Machado, 2016, p. 794)

Ao considerar a ficção e a memória juntas, podemos acessar camadas mais profundas de significado. As lembranças incorporadas nas histórias literárias fornecem uma visão das experiências educacionais passadas, bem como das emoções e percepções associadas a elas. Isso nos permite explorar como a educação moldou identidades individuais e coletivas.

A discussão proposta neste artigo está dividida em três seções: A primeira delas, *Afonso Schmidt e a Colônia Cecília*, busca esclarecer a trajetória do autor e pretende realizar um breve resumo sobre o tema da obra. A segunda seção, *O Filósofo, o Imperador, Alegria e o Amor Livre*, pretende examinar a construção dos personagens da trama, que revelam não só os valores do autor, mas suas inclinações políticas. A última seção, intitulada *A Colônia Cecília e a Educação*, conversa com as referências sobre educação na obra, utilizando essas referências como material de análise sobre os conceitos de educação, principalmente os ditos anarquistas. Por fim, teremos as considerações finais, onde serão discutidas as possibilidades da utilização da literatura como auxílio para a compreensão de diferentes aspectos da História da Educação.

### **3. Afonso Schmidt e a Colônia Cecília**

Nascido em 29 de junho de 1890 em Cubatão, Afonso Schmidt era filho de João Afonso e Odila Brunckenn Schmidt, carregando o sobrenome do bisavô, “um alemão que viera ensinar os rudimentos da arte guerreira aos toscos soldados de Dom Pedro I”<sup>2</sup>.

De Cubatão, ainda menino, foi levado pelos pais para morar em São Paulo, na Rua Bresser, em meio a fábricas de doces, chocolates e confecções. Nesse período ingressou no grupo escolar do Brás, onde teve sua primeira experiência com as letras ganhando uma impressora de um colega, o que despertou seu interesse pelo jornalismo, publicando o semanário *Zig-Zag*

---

<sup>2</sup> As informações sobre Afonso Schmidt foram retiradas da página eletrônica do Instituto Histórico e Geográfico de Santos: <http://www.ihgs.com.br/cadeiras/patronos/affonsoschmidt.html>, acesso em 14 de julho de 2021.

e colaborando com jornais no interior de São Paulo. Aos dezesseis anos viaja sozinho para o Rio de Janeiro e depois, para Lisboa, onde perde sua bagagem e seu passaporte. Com quase nenhum dinheiro, acaba dependendo temporariamente de ajuda financeira de familiares até viajar à Paris, onde arrumou um emprego em uma editora, colaborando no desenvolvimento de um dicionário francês-português. Retorna a São Paulo e aventura-se na criação do jornal *Vésper*, que não obteve o sucesso esperado. Em 1913 retorna a Europa, se instalando em Milão onde trabalhou por quatro meses em um jornal. Desempregado após esse período, vai a Marselha, onde consegue uma passagem de graça para retornar ao Brasil. Enquanto desembarcava em Santos, estourava na Europa a Primeira Guerra Mundial.

Em 1920, Afonso Schmidt retorna ao Rio de Janeiro, onde trabalhou no jornal *A Voz do Povo*. Em Santos foi o redator da *Folha da Noite*, do *Diário de Santos* e de *A Tribuna*. Em 1924, em São Paulo, trabalhou n' *O Estado de São Paulo*, onde permaneceu até o seu falecimento em 1964. Foi nesse jornal que publicou em folhetim no suplemento literário alguns de seus principais romances: *A Sombra de Júlio Frank*, *A Marcha* e *Zanzalá*. Foi premiado em 1950 pela revista *O Cruzeiro* pela obra *Menino Felipe* e em 1963 recebeu o prêmio de Intelectual do Ano, pela União Brasileira de Escritores.

Na atualidade, Afonso Schmidt foi quase relegado ao esquecimento. As obras do escritor não foram reeditadas desde 1980. A maioria das citações feitas ao autor nos últimos tempos são referentes a levantamentos sobre a bibliografia libertária nacional com destaque para as suas três obras marcadamente utópico-anarquistas mais famosas: *Zanzalá*, *Reino do Céu* e *Colônia Cecília*.<sup>3</sup>

*Colônia Cecília: Uma Aventura Anarquista na América*, foi publicado originalmente em 1942 e reeditado posteriormente como *Colônia Cecília: Romance de uma Experiência Anarquista*, com sua última edição datada de 1980. A obra apresenta como protagonista Cárdias, personagem declaradamente inspirado em Giovanni Rossi, o fundador da Colônia Cecília. Cárdias é descrito como “um belo tipo de intelectual, ainda na casa dos 20” (Schmidt, 1942, p. 18), filho de uma família de músicos e formado em Agronomia, mas que se dedicou às preocupações filosóficas e ao jornalismo. A obra foi inteiramente baseada a partir de relatos do próprio fundador da Colônia, Giovanni Rossi, que inclusive utilizava o apelido de Cárdias ainda na Itália. Schmidt teve acesso a um vasto material deixado pelo fundador da Colônia Cecília para escrever seu romance, inclusive manteve contato com parentes e amigos de Rossi, como declara no prefácio de seu livro. Toda a ação ocorre em ordem cronológica, não há retorno ao passado narrativo e não existe nenhum elemento de quebra com a realidade, todos os acontecimentos narrados na obra poderiam mesmo ter ocorrido, o que se encaixa com o perfil modernista de Afonso Schmidt, apresentando muitos traços de realismo e crítica social. O romance de Afonso Schmidt é essencialmente militante e reflete as próprias convicções do autor. Seu anarquismo, longe do anarquismo defendido pelos sindicalistas e radicalistas da época, era o mais puro franciscanismo, acreditando em uma bondade natural do ser humano e na sua habilidade de compartilhar com o próximo, exprimindo o tom utópico da trama. *Colônia Cecília*, uma aventura anarquista na América é, antes de tudo, sobre as relações humanas, tendo como pano de fundo, a primeira experiência anarquista do Brasil, e talvez das Américas.

#### **4. O Filósofo, o Imperador, Alegria e o Amor Livre**

O capítulo inicial da obra, intitulado *Numa noite de Primavera*, começa com a participação de Cárdias em uma conferência na Casa do Povo em Milão, onde o autor contrasta a ilustração do protagonista com a de seu público, que ocupava o “salão obscurecido pelo fumo dos cigarros, dos charutos baratos, até mesmo dos cachimbos. Uma sala tomada por expectadores rudes, saídos das mais humildes profissões” (Schmidt, 1942, p. 18). Eram ferroviários, sapateiros, tecelões,

---

<sup>3</sup> As informações sobre as citações de Afonso Schmidt na atualidade foram retiradas do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras de Bruna Dancini Godk, intitulado “*Representações da Colônia Cecília na Ficção Brasileira*” da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em 2013.

cigarreiras, cocheiros, operários da iluminação, limpadores de chaminés e vendedores de hortaliças, filiados as mais diversas correntes socialistas da época. O tema professado por Cárديات na conferência, era o que mais o atraía: O amor, que se estabelece como o ponto central da trama, como explicaremos mais adiante.

O Brasil surge no romance a partir de um esbarrão, fruto da distração entre Cárديات e Gomes, descrito como um grande músico brasileiro, compositor de uma ópera muito apreciada e cantada por toda a Itália, “*Una piccirella...*”. Após o referido esbarrão e a surpresa espontânea dos personagens ao se reconhecerem imediatamente como frequentadores dos mesmos ambientes, passam a seguir juntos em uma mesma direção pela *Via San Pietro All’Orto*. Durante a caminhada, Cárديات é informado por Gomes sobre a visita do Imperador Dom Pedro II à Milão. Gomes enaltece o monarca brasileiro como “um rei sábio, um pai para o povo brasileiro, exaltado por grandes personalidades da Europa, chamado de neto de Marco Aurélio por Vitor Hugo, amigo dos inventores, dos músicos e dos poetas” (Schmidt, 1942, p. 22).

O espírito de Cárديات criava asas a partir das descrições de Gomes sobre as terras brasileiras. Pensava que o “neto de Marco Aurélio” poderia se interessar por seu grande projeto, o de fundar uma colônia de filósofos ácratas. Sua ideia inicial era a de fundar essa colônia no Uruguai, mas as lutas entre *blancos* e *colorados* pareciam eternas. Passou a vislumbrar em sua imaginação o estabelecimento de sua colônia em terras brasileiras, descritas de maneira tão fantástica pelo músico brasileiro. Cárديات escreve uma carta destinada ao Imperador, se encaminha ao hotel onde o monarca estava hospedado e consegue entregá-la ao médico de Dom Pedro II. A correspondência teria sido lida pelo Imperador no seu regresso ao Brasil, como relatado no romance:

O sr. D. Pedro II não teve dúvidas. Homem excepcional, que tanto animara os sonhos de Bell e Pausteur, habituado a falar a linguagem da inteligência incompreendida, mandou que escrevessem uma carta à Cárديات. Felicitava-o pelo trabalho e ao mesmo tempo oferecia-lhe a terra para essa colônia experimental em um Brasil longínquo, quase lendário, onde a imensidade do horizonte dá vertigens, onde ao Sul, numa província chamada Paraná, o clima é ameno, a temperatura corresponde ao sul da Europa e, certamente, a produção é igual à daquelas zonas privilegiadas. Assim foi então decidido onde a Colônia Cecília se estabelecerá: em Palmeira, na província do Paraná, na região sul do Brasil. (Schmidt, 1942, p. 28, 29)

É necessário pontuar que o autor provavelmente se baseou em pesquisas historiográficas realizadas até o momento em que a obra foi escrita para narrar o envolvimento de Dom Pedro II com a Colônia Cecília através da doação de terras. A ideia do envolvimento do Imperador perdurou pelo menos três décadas após a primeira edição do romance. Segundo Souza (1970), Giovanni Rossi recebeu uma concessão de terras do próprio Imperador Dom Pedro II, tendo, inclusive, trocado diversas correspondências com o monarca pouco tempo antes da instauração da República. Essa versão é contestada pela historiografia mais recente. Segundo um relatório do próprio Giovanni Rossi<sup>4</sup>, não houve qualquer negociação com o Imperador, uma vez que a República já havia sido estabelecida antes da chegada dos anarquistas em abril de 1890 no Brasil. Documentos provam que não houve doação de terras para a colônia, mas que 200 alqueires foram comprados pelos italianos, que deveriam ser quitados em um prazo de cinco anos. A historiadora Isabelle Felici afirma que “Giovanni Rossi, assim como diversos imigrantes italianos, jamais tiveram qualquer contato com o Imperador brasileiro até por uma incoerência entre as datas”. (Felici, 1998, p. 23)

Outro personagem marcante e que é utilizado como contraponto na obra de Schmidt é Gióia, palavra italiana que significa “alegria”. A princípio, Gióia é apresentado como um cidadão comum, que passou a vida tentando se adequar a sociedade burguesa capitalista. Sua aparência é a de um homem distinto, educado e bem-vestido, um cidadão de classe, em perfeita sincronia com o sistema capitalista, mas que se revela em sua essência totalmente diferente de sua aparência. Gióia é

---

<sup>4</sup> O relatório de Giovanni Rossi é citado por Darvino Agottani em sua obra *Saga da Colônia Cecília*.

um homem completamente descontente com sua vida, que considera monótona e sem sentido. Olhando atentamente para as suas roupas bem alinhadas é possível notar furos nos sapatos bem engraxados, remendos em suas vestimentas, olheiras profundas e uma tristeza inconsolável condicionada por sua vida monótona, sem perspectiva e sem sentido. Cansado de todo esse sofrimento, Gióia procura Cárdias ainda na Itália com o objetivo de se juntar aos pioneiros da Colônia Cecília.

Cárdias via Gióia com pena, mas não considerava que seu projeto fosse uma estação de cura. Enxergava a necessidade de convencer o escriturário que a Colônia Cecília não era um lugar adequado para aquela pobre alma, chegando a sugerir que a melhor opção para Gióia seria buscar uma estação de repouso nas montanhas, onde a altitude e o repouso lhe fariam bem. Mas Gióia, sem recuar qualquer passo diante de sua ideia, se mostrou irredutível quanto ao seu objetivo:

Altitude? Repouso? Boa pilheria! Mas eu sou um mendigo em traje de baile. Ganho para viver, vivo para trabalhar. Veja isto. (Levantou a perna e mostrou que as botinas espelhantes já quase não tinham sola; o pé encostava no chão). E isto... (O colarinho, os punhos e peitos postiços eram de celuloide). Ganho uma miséria, sem a mais leve esperança de aumento. Ao contrário, com a velhice que se aproxima, ameaçando-me com o olho da rua. Moro em um quarto de ínfima classe com mais dois companheiros. Entro muito tarde e saio muito cedo para que não vejam o mecanismo de minha elegância. [...]. Sei o que o senhor está pensando. Está dizendo lá consigo que eu poderia pautar a vida de acordo com vencimentos. Poderia ter me casado como toda gente. Mas isso tudo é impossível. Ganho menos do que um carregador de estação e tenho de apresentar-me daquela maneira a que meus chefes chamam de “decente”. Daí esta amargura acumulada durante trinta anos. Estou cansado. Sou uma bexiga de fel. Ou embarco com os pioneiros, ou estouro em uma esquina... (Schmidt, 1942, p. 36, 37)

Diante de tais reflexões e de tanta teimosia, não restaram alternativas à Cárdias, a não ser concordar com a companhia de Gióia entre os pioneiros no embarque rumo as terras brasileiras para a futura colônia. Ironicamente, Gióia se transformaria no personagem que mais se adaptaria aos preceitos anarquistas, contrariando as considerações iniciais de Cárdias. Sua primeira atitude ao chegar a Colônia Cecília seria despir-se totalmente de suas roupas, simbolizando o abandono dos valores burgueses, talvez como uma tentativa do autor em mostrar que qualquer um pode se adaptar a um novo modelo de sociedade.

A construção de Gióia reflete as próprias inclinações políticas do autor. Schmidt define a si mesmo como um comunista naturalista, o que pode ser verificado em uma carta incluída na publicação de sua obra, (Schmidt, 1942, p. 138). Acreditava que o ser humano só viveria em comuna quando estivesse de acordo e totalmente em harmonia com a natureza. Gióia recebeu o apelido de “duende”, tal qual foi sua adaptação a um novo estilo de vida, totalmente desprendido de valores capitalistas e pela sua perfeita integração com a natureza, tornando-se na obra um personagem folclórico.

O amor livre é um dos principais elementos da trama, que se desenvolve a partir do surgimento de Aníbal e Éleda, dois personagens inseridos na obra como um casal que resolve se deslocar para a Colônia Cecília em busca de uma vida socialista. Aníbal é descrito como “um bom companheiro, daqueles que na agitação socialista se habituaram a perder tudo e nada ganhar. De inteligência acima do vulgar, mas com o coração maior que o cérebro”. (Schmidt, 1942, p. 63, 64) Cárdias já havia conhecido Éleda na Itália, como registrado no romance:

Eu tinha conhecido a Éleda no ano anterior, na localidade de X, numa conferência pública em que fui explicar ideias sobre o amor livre. Lembro-me de que, tendo-a interrogado em particular, ela me respondeu com simplicidade que o admitia. Dela, da sua simplicidade, da sua melancolia, da força do ânimo, eu trouxe comigo um certo sentimento de simpatia e de admiração, mas nunca o mais leve desejo de mulher. Era para mim uma figurinha nobre e delicada, que se impunha pelo caráter, que me satisfazia pela bondade, que me agradava como agrada um companheiro gentil. (Schmidt, 1942, p. 63)

Apesar de Cárdias declarar no início que “nunca havia sentido o mais leve desejo de mulher” por Éleda, esse sentimento floresce no decorrer da trama. Aníbal, Éleda e Cárdias formam um triângulo amoroso, utilizado pelo autor para abordar a importância histórica exercida pelas experiências de amor livre presentes na Colônia Cecília, sendo, inclusive, uma

das causas do fim da colônia, gerando conflitos e tornando o ambiente e os relacionamentos insuportáveis. Segundo Darvino Agottani, o autor de *Saga da Colônia Cecília*:

As pessoas não compreendiam o conceito de amor livre. A mulher poderia ter mais de um relacionamento se ela amasse mais que um homem; era livre e não tinha obrigação com ninguém. Se ela assim o quisesse teria que comunicar o marido, mas quando rejeitava o assédio de outro homem, isso causava brigas e conflitos, o que deixou o ambiente na colônia insuportável. (Agottani, 2013, p. 20)

O conceito de amor livre exerceu uma forte pressão para o desmantelamento da Colônia Cecília. Schmidt aborda essa questão em sua obra a partir do momento em que Córdias começa a se interessar por Éleda. Esse interesse é correspondido pela personagem, que pede a autorização de seu marido para se relacionar com Córdias. As consequências desse ato geram um forte desconforto, principalmente em Aníbal que, mesmo concordando com a liberdade da esposa, não consegue evitar seu descontentamento e apresenta dificuldades em lidar com seus sentimentos. O autor utilizou uma descrição quase fiel de um questionário registrado por Giovanni Rossi em sua autobiografia. O referido questionário teve como foco registrar os depoimentos em um caso real ocorrido na Colônia Cecília, onde dois homens e uma mulher foram interrogados acerca de seus sentimentos. O triângulo amoroso entre Córdias, Aníbal e Éleda foi utilizado como ponto central no desenvolvimento da trama na obra de Schmidt.

## 5. A Colônia Cecília e a Educação

A educação, entendida aqui como o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos geralmente de uma geração para a outra através de experiências e situações vividas pelos indivíduos, com o objetivo de que esse processo alcance uma determinada função nos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos de uma sociedade aparece pela primeira vez na obra de uma maneira um tanto curiosa em uma reflexão do personagem Piero:

Os homens haviam iniciado a toda pressa a construção do rancho provisório. Enquanto todos trabalhavam nessa obra, o velho abúlico, que se chamava Piero, acendeu uma fogueira, embrulhou-se na manta e acocorou-se ao pé das brasas, com o ar feliz. Ciccio perguntou-lhe: “Não ajudas Piero?” “Não. Estou cansado de obedecer; passei a vida inteira obedecendo. Aqui faço o que quero, não faço o que não quero”. Outra vez Córdias ouviu esse diálogo: “Antônio, eu ainda não sei carpir e preciso que você me ensine...” “Não ensino a ninguém. Aqui cada um carpe como quer. Na anarquia não se ensina a ninguém.” O filósofo sorriu com tristeza e lá se foi a frente, para dar o exemplo. A incompreensão de alguns doía-lhe na alma, como um crime feito não a ele, mas a todos, à humanidade de amanhã. Era a incompreensão do grande sonho, o mal que deveria destruí-lo. (Schmidt, 1942, p. 47, 48)

Educar é um ato social, que depende obrigatoriamente da interação e do compartilhamento de experiências e situações entre dois ou mais indivíduos. A indignação de Córdias perante esse episódio revela não só um dos objetivos do autor na construção da narrativa da obra, que constantemente acusa a incompreensão da maioria dos integrantes da Colônia Cecília do conceito anarquista de sociedade como o principal fator para a sua ruína, mas a certeza do autor da impossibilidade do estabelecimento de uma sociedade sem que uns ensinem os outros. Segundo Gallo:

A relação indivíduo/sociedade, no Anarquismo, é essencialmente dialética: o indivíduo, enquanto pessoa humana, só existe se pertencente a um grupo social. A ideia de um homem isolado da sociedade é absurda; a sociedade, por sua vez, só existe enquanto agrupamento de indivíduos que, ao construí-la, não perdem sua condição de indivíduos autônomos, mas a constroem. A própria ideia de indivíduo só é possível enquanto constituinte de uma sociedade. A ação anarquista é essencialmente social, mas baseada em cada um dos indivíduos que compõem a sociedade, e voltada para cada um deles. (Gallo, 2005, p. 88)

No mesmo período do estabelecimento da Colônia Cecília, o pedagogo e militante francês Paul Robin desenvolveu a primeira experiência significativa anarquista no campo da educação. Entre 1880 e 1894 esteve na direção do orfanato *Prévost*, em *Cempuis*, nos arredores de Paris. Robin transformou o referido orfanato em uma verdadeira escola libertária utilizando o princípio de Educação Integral. Robin acreditava que o ser humano deveria ser educado em sua integralidade, para que pudesse desenvolver-se em plenitude, construindo e conquistando a liberdade. A Educação Integral pretendida por Robin pode ser descrita da seguinte forma:

A educação integral compreendia os seguintes aspectos: a educação intelectual, que consistia na socialização da cultura e dos saberes produzidos pela humanidade; a educação física, que consistia no desenvolvimento do físico, por sua vez tomado em três aspectos (uma educação esportiva; uma educação manual e uma educação profissional); e a educação moral, que consistia numa vivência coletiva da liberdade e da responsabilidade. (Gallo, 2005, p. 90)

A educação era, ao menos para a maioria das correntes anarquistas, muito importante para o estabelecimento de um novo modelo de sociedade. Importante o suficiente para compreender que o caráter coletivo da educação deve estar acima dos interesses e vontades individuais. O sorriso triste de Cárrias evidencia as próprias crenças do autor sobre o papel do indivíduo na construção da sociedade.

No décimo capítulo da obra é revelado que um dos passatempos de Cárrias era o de reunir as crianças da colônia para dar aulas em “brasileiro”:

Cárrias dedicava-se a outro passatempo. Transportava os bancos do pavilhão para um bosque próximo e ali reunia as crianças da colônia. Não raro, filhos de caboclos da vizinhança também apareciam, movidos pela curiosidade, ou para brincarem com os meninos da sua idade. Ficavam sentados, muito quietinhos, com os olhos vivos e inteligentes na conversa de Cárrias, que dava aulas em “brasileiro”. (Schmidt, 1942, 105, 106)

Cárrias cumpria, nesse momento, o papel de Mestre Escola. Em 1890, ano de fundação da Colônia Cecília, já existiam nos grandes centros metropolitanos lugares destinados exclusivamente a educação. A formação de professores não era considerada, ao menos nas grandes cidades, um mero acessório. Havia também uma preocupação com o controle da educação por parte do Estado, mas esse processo não era homogêneo e tampouco abrangia os limites de um país com proporções continentais como o Brasil. O processo de transição do predomínio de antigos métodos de aprendizagem para sistemas educacionais mais centralizados atravessou grande parte de nossa história moderna, acompanhado da convivência de inúmeros modos de aprendizagem ao mesmo tempo em todo território nacional, como nos conta Villela:

Os três séculos da época moderna são marcados, no ocidente, por um longo processo de produção de uma nova “forma escolar” em detrimento dos modos antigos de aprendizagem. Nesse período, ocorre a transição de uma sociedade em que a educação se faz por impregnação cultural para uma sociedade munida de um sistema complexo de ensino estatal. Assim, por muito tempo, iriam conviver várias formas de transmissão de conhecimento e várias instituições se ocupariam dessa tarefa, mas, à medida que os Estados nacionais, os novos “Estados docentes” foram se consolidando, passaram a absorver essas outras formas dispersas, conformando um sistema homogêneo, regulado e controlado. (Villela, 2000, p. 97, 98)

O acesso à educação, obviamente, era muito mais restrito no final do século XIX do que na atualidade. Longe dos centros metropolitanos, os antigos métodos de aprendizagem eram mais comuns, como o apresentado por Schmidt através de Cárrias. Geralmente, quando havia um professor ou mestre, não era alguém necessariamente formado para o ofício, mas alguém respeitado ou dotado de algum prestígio local. A “sala de aula” era improvisada, as vezes na residência do próprio mestre, ou como no caso de Cárrias, com bancos dispostos em um bosque.

Em sua aula, Cárdis aproveitou para colher uma flor de laranjeira, decompondo-a com as mãos nas suas partes mais essenciais para ensinar as crianças sobre o processo de reprodução das flores, mostrando o cálice e a corola. Em determinada altura, devido ao crescente interesse pela lição, a aula de Cárdis acabou por atrair os adultos da colônia. O professor, pouco a pouco ia esquecendo-se das crianças, falando exclusivamente com os adultos sobre a natureza poligâmica das flores e dos animais:

Quando diversas variedades de plantas pertencentes a uma espécie são semeadas próximas, observam-se numerosos abastardamentos. Suas flores negam a fabula da monogamia e da fidelidade conjugal. Mesmo entre os animais a monogamia é uma exceção, quase toda ela resumida à ordem dos pássaros, onde a incubação e os cuidados com os filhotes a tornam necessária. Na história primitiva da humanidade, encontramos o matriarcado. Muito mais tarde, e sob a influência de razões econômicas e políticas, vem o patriarcado poligâmico e, por último, o patriarcado monogâmico. Mas algumas escolas filosóficas, seitas religiosas e rebeliões individuais têm afirmado em todos os tempos, até nós, o amor livre como um protesto da natureza e da razão... (Schmidt, 1942, p. 107, 108)

Percebe-se no discurso de Cárdis o esforço para convencer outros integrantes da Colônia Cecília sobre a naturalidade do amor livre, conceito fundamental para a criação de uma nova sociedade a partir de suas próprias convicções e de seus próprios valores. Podemos observar na atitude de Cárdis a ideia de utilizar a educação para formar o “homem do futuro”, um conceito que não é novo, mas nos acompanha desde a Revolução Francesa. Segundo Boto:

Quaisquer que fossem as disposições de espírito, havia, entre os homens da Revolução Francesa, essa ideia de garantir pela pedagogia as conquistas obtidas. Do mesmo modo como pretendiam demarcar novos espaços com as festas, novas imagens com a arte revolucionária, nova percepção do tempo com o novo calendário, a busca de formação do homem novo inscrevia-se nesse desejo de esculpir um futuro tal como ditava a utopia de cada um. Entretanto, contraditoriamente, essa apologia do novo levava a que os sujeitos envolvidos por vezes temessem pela própria identidade do presente – até porque as imagens que eles tinham não eram ainda as imagens do futuro (Boto, 1996, p. 187, 188)

Talvez, o fracasso do amor livre na Colônia Cecília estivesse estreitamente ligado com as contradições na construção de um novo futuro, entre a busca de uma nova mentalidade e o temor da própria identidade no presente.

## 6. Considerações Finais

Assim como todos os outros documentos históricos, a Literatura não é um retrato real e absoluto de uma realidade, mas contém traços do passado, condicionado por elementos históricos, sociais e materiais. Por outro lado, a literatura contribui para que o historiador enxergue o que ainda não viu. Segundo Giovana Maria Carvalho Martins:

A Literatura é uma fonte privilegiada para o historiador, pois lhe garante acesso diferenciado ao imaginário, permitindo que ele enxergue traços que outras fontes não lhe forneceria. Ela é a narrativa, que de modo ancestral, pelo mito, pela fantasia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. (Martins, 2015, p. 3896)

Utilizar a Literatura como fonte histórica requer alguns cuidados. É necessário levar sempre em consideração o autor, que está indissociavelmente ligado à sua criação, o contexto retratado na obra em si e principalmente, o contexto em que a obra foi escrita. A Literatura carrega traços desse contexto que são muito importantes para a compreensão dos traços deixados como pistas para a investigação histórica. Eliane Marta Teixeira Lopes nos lembra que:

A literatura é uma fonte potencialmente rica para a história e sobretudo para a história da educação; ela pode oferecer uma chave instigante, levantar algum dado desprezado pela historiografia corrente que se vale apenas de documentos

oficiais escritos como fonte. Mas, se a literatura for usada como única fonte, ou como fonte única, pode provocar alguns equívocos. Assim o trabalho de produção de fontes, de sua articulação, tematização, rearticulação, deve ser exaustivamente praticado. (Lopes, 2005, p. 165)

No caso específico da Colônia Cecília, havia uma preocupação com a educação integral dos indivíduos. A aula de Cárdis sobre a flor de laranjeira realmente aconteceu, ou ao menos foi registrada nas cartas de Giovanni Rossi. Schmidt utilizou os registros de Rossi para construir o seu romance. Em uma palestra durante o IV Simpósio sobre a Colônia Cecília, realizada por Robledo Mendes da Silva, professor do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, intitulada Educação Camponesa Libertária: Experiências da Colônia Cecília<sup>5</sup>, a mesma aula ministrada por Cárdis no romance de Schmidt é descrita como exemplo de educação na Colônia Cecília, onde, após reunir as crianças em um bosque, Rossi recolhe a flor de laranjeira e compara o seu interior com uma oficina.

Segundo o mesmo palestrante, a Educação Integral era discutida entre os anarquistas trabalhadores do campo como uma forma de preparar o indivíduo para os trabalhos manuais ao mesmo tempo em que deveria prepará-lo para a erudição e para o acesso ao conhecimento intelectual produzido pela humanidade:

A educação integral camponesa era discutida por diversos grupos anarquistas no campo. Essa educação integral deveria não só preparar o indivíduo para o trabalho manual, mas deveria oferecer uma educação também voltada para a erudição. Essa educação deveria abarcar a inteligência manual e intelectual, preparando as pessoas para o trabalho no campo e para o desenvolvimento intelectual. Uma escola que formasse o indivíduo para agir na sociedade, sem ser instrumentalizada e afastada da educação religiosa. (Silva, 2018)

A Educação deve levar em consideração as especificidades locais e regionais. As correntes anarquistas que chegaram no Brasil através da imigração, principalmente de italianos, espanhóis e portugueses entre o final do século XIX e início do século XX pregavam esse tipo de educação, que deveria formar o indivíduo em toda a sua integralidade, com base na cooperação e na construção de uma nova sociedade menos individualizada, talvez menos injusta e construída a partir do trabalho de cada um.

Para além das análises aqui empreendidas, é importante destacar que a exploração da relação entre literatura e história da educação, pode abrir novos caminhos para investigações futuras. As ponderações das autoras Giovana Maria Carvalho Martins e Eliane Marta Teixeira Lopes ressaltam a riqueza da literatura como fonte histórica, capaz de oferecer perspectivas únicas sobre mentalidades, valores e modos de vida de determinadas épocas. No entanto, tal abordagem requer uma análise crítica e cautelosa, atentando-se às complexidades que envolvem o contexto de produção das obras literárias. O caso específico da Colônia Cecília, permeado por ideais anarquistas e pela busca por uma educação integral, convida a um aprofundamento sobre as possibilidades da utilização da literatura para compreender a ligação entre a educação e a ideologia. Ademais, a compreensão da educação como um mecanismo de transformação social, influenciado pelas correntes anarquistas trazidas pelos imigrantes, sugere novas vias de investigação, visando compreender como tais ideais poderiam participar na construção de uma sociedade mais cooperativa e justa. Assim, ao reconhecer as potencialidades e desafios da literatura como fonte histórica, e ao considerar a singularidade da Colônia Cecília como um cenário propício para a exploração dessas conexões, novos estudos podem identificar elementos sobre o legado histórico-educacional dessa experiência anarquista única e suas ramificações na história da educação brasileira. Ao desvendar as camadas históricas da Colônia Cecília, podemos estabelecer as conexões entre imigração, ideologias anarquistas e práticas educacionais. Essa exploração das narrativas literárias oferece

---

<sup>5</sup> A palestra do professor Robledo Mendes da Silva sobre Educação Camponesa Libertária aconteceu em 14 de abril de 2018, no município de Palmeira e faz parte do IV Simpósio sobre a Colônia Cecília. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C2CC1OcYImE>, Acesso em: 25 de junho de 2021.

uma perspectiva única sobre como esses elementos ajudaram a moldar não apenas o cenário educacional da época, mas também as visões de uma educação emancipatória e colaborativa.

## Referências

- Agottani, D. (2013) *Saga da Colônia Cecília*. Paraná: Estúdio Texto.
- Barros, J. D. (2010) *História e literatura: novas relações para os novos tempos*. Contemporâneos Revista de Artes e Humanidades, 6, p. 1 à 27. [https://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2\\_historia.pdf](https://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf),
- Boto, C. R. (1996) *A escola do homem novo; entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Burke, P. (2002). *História e teoria social*. São Paulo: Editora UNESP.
- Chartier, R. (2007). *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autentica,
- Felici, I. (1998). *A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi*. Cadernos AEL, Anarquismo e anarquistas, Campinas, UNICAMP, n. 8-9, 1998.
- Gallo, S. (2005). *Anarquismo e educação; a educação libertária na Primeira República*. In: Stephanou, M.; & Bastos, M. H. C. (orgs). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Vol III – Século XX p. 87-99. Petrópolis: Vozes.
- Gattai, Z. (1985) *Anarquistas, Graças a Deus*. Rio de Janeiro, Record.
- Ginzburg, C. (2007). *O fio e os rastros*. São Paulo: Cia das Letras.
- Godk, B, D, (2013). *Representações da Colônia Cecília na Ficção Brasileira*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
- Instituto Histórico e Geográfico de Santos, (2023) <http://www.ihgs.com.br/cadeiras/patronos/affnososchmidt.html>, from 2023.
- Lopes, E. M. T. (2005) *História da Educação e Literatura: algumas ideias e notas*. Revista Educação. 30(2). <https://periodicos.ufsm.br/reveduacao/article/view/3744/2148>
- Martins, G. M. C & Cainelli, M. R. (2015) *O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e História*. VII Congresso Internacional de História, <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf> .
- Nunes, M. L. S. & Fialho, L. M. F. & Machado, C. J. S. (2016). *Reflexões em torno da relação entre História e Literatura*. Quaestio - Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, SP, v. 18, n. 3. <https://uniso.emnuvens.com.br/quaestio/article/view/2853>
- Pallottini, R. (2001). *Colônia Cecília: um pouco de ideal e de polenta*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Rossi, G. (2000) *Colônia Cecília e outras utopias*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná.
- Salles, I. (2005). *Um cadáver ao sol*. Rio de Janeiro. Ediouro.
- Schmidt, A. (1942) *Colônia Cecília: Uma aventura anarquista na América*. São Paulo: Anchieta.
- Silva, R. M. (2018) *Educação Camponesa Libertária: Experiências da Colônia Cecília*. - IV Simpósio sobre a Colônia Cecília. <https://www.youtube.com/watch?v=C2CC1OeYImE> .
- Souza, N. S. (1970) *O Anarquismo da Colônia Cecília*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Villela, H. O. S. (2000) *O mestre-escola e a professora*. 500 anos de educação no Brasil. P. 95-134. Belo Horizonte: Autêntica.